CHRONICA HEBDOMADARIA

PUBLICA-SE

DOMINGOS

O TELEPHONE

DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE
3 Rua do Evaristo da Veiga 3

1878

BIBLIOTECA NACIONAL
S.L.R.
4194
52

O TELEPHONE

CHRONICA HEBDOMADARIA

DAS

LETRAS, POLITICA, ARTES E COSTUMES

TOMO II. — N. 2. — 1 VOLUME

Domingo, 19 de Maio.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA FLUMINENSE

3 Rua do Evaristo da Veiga 3

1878

O TELEPHONE

CHRONICA HEBDOMADARIA

DAS

LETRAS, ARTES POLITICA E COSTUMES

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R.

Esta publicação, unica em seu genero, constará de um libreto de 32 á 40 paginas in-16, nitidamente impresso em optimo papel, contendo além de differentes artigos criticos, litterarios, satyricos, burlescos, humoristicos, poeticos, etc, tambem romances e dramas, tanto nacionaes como traduzidos, formando um volume mensal de nunca menos de 130 á 200 paginas, o qual será augmentado segundo o progresso da empreza.

Preço das assignaturas

CORTE E NITHEROHY		PROVINCIAS	
Anno.....	4$000	Anno.....	5$000
Semestre.....	2$000	Semestre..	3$000
Trimestre.....	1$000	Trimestre.....	1$500

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda e qualquer correspondencia concernente á esta empreza póde ser dirigida para esta typographia com endereço á redacção.

O TELEPHONE

O *Telephone* tem o prazer de saudar a imprensa diaria e hebdomadaria d'esta côrte, agradecendo os cordiaes comprimentos que por parte de alguns de seus orgãos lhe forão dirigidos; estima bastante que toda ella esteja no gozo de perfeita saude e continue a fruir vida feliz e folgada.

Posto que esta sua barretada dirija-se a um todo collectivo, todavia é dever seu fazer um certo reparo, reparo esse que sómente lhe é ditado pelo conhecimento que tem de si proprrio.

∴

Ha entidades que, por seu brilho metallico, ascendem á imminencias culminantes na esphera social, acercando-se de um prestigio asiatico, que os torna *primo inter pares* e os faz suppôrem-se tantos outros sóes determinando tantos outros systemas planetarios!...

Fatuidade e cegueira! Não basta o ser-se grande: e necessario o saber-se sel-o.

O simples facto de ser-se uma potencia aurea, jámais póde ser o annuncio de uma entidade bem educada. O ouro attrahe, deslumbra; mas não céga, não acoberta os defeitos do espirito.

E d'ahi, o *habito não faz o monge.*

Por mais respeitavel e respeitada que seja uma entidade, jamais pode-se presumir á salvo de cumprir com os mais comezinhos deveres de cortezia.

Tornar-se-ha opaco o brilho de qualquer individualidade, se aos seus outros meritos não reunir ella os de uma fina educação.

A cortezia se não é o espelho em que se reflectem as qualidades moraes de um homem, é pelo menos o cartaz que nos annuncia que elle fez uso d'essa plaina que se chama instrucção e frequentou outros lugares que não os botequins e os mercados.

De resto, é preciso que se comprehenda, não são sómente os grandes que devem merecer consideração: o valor de um homem não é emanado do seu volume, mas sim de cousas que estão ao alcance tambem dos pequenos, e desde que assim é, está claro que a consideração deve estender-se até elles, tanto mais que, segundo preceitúa Monteverde, a ninguem se deve fazer sentir a sua inferioridade.

E além d'isso, ha plebeus que valem por dous fidalgos.

* * *

Está pequena humilia vai com endereço aos

nobilissimos Srs. *Jornal do Commercio* e *Cruzeiro*, que tão sobranceiros se mostrarão para comnosco.

Bem quizeramos acreditar que estes dous grandissimos sustentaculos da imprensa brazileira, estes dignos representantes da opinião publica, não tiverão em mira magoar-nos; sem embargo achamos singular que tivessemos sido recebidos por SS. SS. no patamar da escada, do mesmo modo que o deputado recebe o votante apóz á eleição, isto é, de chapéo na cabeça e testa rugada!

Ora, gente tão respeitavel, vultos tão nobilitados, não devem proceder assim com quem fiel ás regras de civilidade, respeitosamente dirige-se ás suas casas para saudal-os.

Não queriamos que SS. SS. nos tratasse com a mesma consideração com que fômos recebidos por outros cavalheiros; bem sabemos que foi bondade d'elles offerecendo-nos lugar á sua meza e apresentando-nos aos seus amigos; porém desejavamos que fossem mais deferentes, mandando-nos descançar para sua sala de espera.

Pódem estar certos que não lhes mudariamos os castiçaes, fossem elles muito embora de ouro.

Os pequenos tambem sabem ser gente grande.

PIPAROTES

E' hoje a segunda vez que o *Telephone* tem a honra de se apresentar ao publico para divertil-o, contando-lhe o que no curto espaço de oito dias poude recolher á sua sacóla das novidades.

Bem pouco é a sua colheita ; mas sem embargo vai dar conta d'ellas.

Diversos forão os factos occorridos na semana ultima e cada um d'elles mais digno de especial menção.

No domingo vio-se a cidade em completa agitação, cruzando-se e entrechocando-se as multidões que corrião espavoridas ao som lugubre e desolador do sino grande da igreja de S. Francisco de Paula, denunciando terrivel calamidade: era reduzida á cinzas a praça do mercado ; era a população pacifica d'esta côrte ameaçada da mais terrivel das hypotheses ! As sinistras chammas

de horrido incendio, *chamavão* á si todos os fructos e hervas; deglutindo-os sem nem ao menos dár minima satisfação aos proprietarios d'elles e d'ellas!...

E já se vio cousa mais singular ?!...

O tal senhor fogo não foi pegar-se pelas proximidades do mesmos sitios em que se manifestou ha tempos ?! Assim aconteceu.

Decididamente, ou nós somos um povo excommungado e por isso entregue ás travessuras do diabo ou contamos em nosso seio espiritos pequeinos e malignos !...

Parece incrivel a maneira frequente por que somos visitados pelos incendios!

Em nossa terra só conhecemos duas entidades capazes de deslindar essa meiada; são ellas: a Sra. D. Policia, que deve ir além das investigações e o piedosissimo Sr. D. *Apostolo*, qne, ou nos deve condemnar á penitencia até remir os nossos peccados, ou nos exorcismar até expellir os espiritos malignos.

Depois d'este acontecimento, seguiu-se-lhe a conferencia do Sr. Trovão, no theatro D. Pedro II. Foi outro incendio! Não tanto pelo orador, mas pelos auditores.

Cada um d'elles erão outros tantos corpos combustiveis que se inflammavão á cada palavra do prelector!...

E que cbammas erão expedidas!... Que labaredas!

Foi certamente milagre não ficar carbonisado o imperial barracão do Sr. Bartholomeu, pelas fugalhas do enthusiasmo republicano!

E era justo que tal se désse, pois, que o illustre prelector soube vibrar a corda sensivel dos seus correlegionarios.

O *osso* está para o brazileiro, como a banana para o macaco ou a sardinha para o gato.

E quem é esse que não gosta de *osso* gordo, de um d'aquelles ossinhos de presunto que se costuma addicionar á feijoada para melhor adubal-a?

Ha *ossos* que valem muito mais que um boi inteiro!

E se a vida humana depende da nutricção, porque ha de os republicanos condemnarem-se á morte, torcendo o nariz aos *ossos* que lhes estão ao alcance da mão?

Não, elles os devem pegar, porque o *osso* não tem partido, assim como a barriga não tem lei.

Na noite d'esse mesmo dia, tivemos ainda outra novidade, que não deixou de ser tambem um incendio para os enthusiasmos dos regalistas Tivemos a *reprise* dos *Lazaristas* do Sr. Antonio Ennes.

Dizemos *reprise* visto já ter elle sido representado em outubro de 1875 e de um modo mais explendido e com maior successo, pois que aquelles episodios que escaparão á penna do escrip-

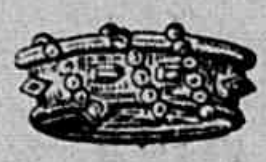
tor portuguez, addicionou-lhes a policia brazileira com o seu chanfalho.

Segundo disse a *Gazeta de Noticias*, a affluencia de espectadores não correspondeu á expectativa.

E pudera corresponder! Se a peça foi tão golpeada!

Onde estavão os urbanos? Onde as correrias? O povo que aqui frequenta os theatros, gosta de dramas, mas quel-os bem realistas.

Sem embargo houve *queima* de palmas.



A não ser estas novidades, só nos resta narrar uma: as exequias do Santo Padre Pio IX.

Na realidade, desde que somos nascidos, ainda não vimos um dia tão lugubre como o de segunda-feira ultima!...

Tudo erão lagrimas, tristeza e consternação!..

Dir-se-hia que tinha soado a trompa de Josaphet, e echoava a hora do juizo final!...

Os sinos soluçavão, os canhões pranteavão!

A *Gazeta de Noticias* acalentava em seus braços o *Apostolo*, a maçonaria exhortava a associação catholica.

A propria natureza, essa mesma não quiz se mostrar alheia a dôr dos catholicos brazileiros. Assim é que a vemosapresentar-se de faces macilentas, lacrymosa e envolta em crépe.

E todo esse sentimento era justissimo.

A morte de Pio IX foi uma grande calamidade para o orbe catholico !...

Até então sabia-se de onde partia o Syllabus e o reaccionismo ; era facil batel-o por que elle se apresentava á descoberto ; agora, porém, elle ha de viver comnosco e não o presentiremos, porque esconder-se-ha no mansuetude até abocanhar-nos.

Assim, pois, choremos todos por Pio IX, que é chorar pela liberdade.

Por mais que se diga que somos um povo civilisado e esticado das gambias, não falta por ahi quem nos convirja o seu estrabismo e esteja a rir-se scepticamente!...

Bem quizeramos que esses idiotas tivessem melhor maneira de contrariar uma verdade patante aos olhos de todos; uma verdade tão pura e sã como os principios do Sr. Hudson; uma verdade tão clara como a utilidade das medidas tomadas pelo Sr. Andrade Pinto... na razão directa do nosso thesouro anemico.

Nós somos e seremos sempre um povo.... desempenado e leste, diga-se o que se disser.

Ou não fossemos descendentes dos Cabraes !...

A broa e o caldo d'unto forão sempre em Portugal um alimento de dublo resultado: nutre o corpo e engorda o espirito: d'elles nascêrão sempre a civilisação e as banhas d'aquelle pequeno povo que é o assombro da Europa.

Descendente d'elle, era impossivel que o bra-

zileiro não fosse o assombro da America: seria degenerar.

Mas não, nós estamos no grande caso de dier-se: tal pai, tal filho!

Corre ainda em nossas viceras os succos nutritivos da broa e do caldo d'unto, como em nossas veias o mesmo sangue. O feijão e a carne secca, esses novos elementos do nosso progresso moral e intellectual, não poderão ainda arredar de todo a influencia dos dous grandes agentes portuguezes.

Somos por consequencia o Portugal d'America. Não nos peção idéas, não nos peção bom-senso, porque somos incapazes de fornecer; mas peção-nos pulso, peção-nos lingua e sim, senhor, seremos capazes de encher todas as alfandegas do mundo...

E' para que mais?

O pulso e a lingua, são as bases de todas as grandes nacionalidades; um e outra sustentão como columnas de ferro, a cupola do edificio social.

Um povo sem pulso é um corpo sem alma; uma nação sem lingua é uma tartamuda.

E o Brazil que tem como provincia sua, a Bahia, terra da *prosa* em verso, era impossivel que deixasse de ser linguarudo.

Está talvez o leitor a nós fazer caratonhas; está sem duvida a achar-nos insulso como um

folhetim do *Sic* ou *Chic*, no dizer esgaroso do *Besouro*.

Pois não tem razão. Somos d'aquelles que soffrem de apoplexia... queremos dizer, algaravia.

Quando fallamos... fallamos mesmo.

Temos o defeito de não saber dizer o que sentimos em duas palavras... no fim de contas somos brazileiros; ha ainda em nós uns restinhos dos succos nutritivos da brôa e do caldo d'unto.

A nossa civilisação é facto fóra de controversias. E chegámos já a tal ponto de adiantamento moral, que nos collocamos além de todos os outros povos.

Póde-se dizer sem temor de errar: na senda do progresso moral e intellectual, occupamos o lugar do *Phonographo* na ordem material; somos a ultima palavra da perfeição.

E não ha que duvidar.

Olhe-se para todos os povos, começando-se lá no ultimo cantinho d'Africa e termine-se no primeiro da Occeania, e mostrem-nos.... mostrem-nos um só que esteja na altura de competir comnosco.

Quem fôr capaz de apontar-nos um, desenvolto, sabendo jogar capoeira, tocar violão, cantar modinhas e... ser perfeito, garantimos sob palavrinha de politico, um anno de assignatura gratis do *Apostolo* e um emprego de nomeação do Sr. ministro da marinha.

Estamos certos que ninguem chuchará o premio que offerecemos.

Pois será possivel que haja outros povos onde a civilisação chegue ao ponto de os pastelleiros deixarem as panellas e virem com as roupas nauseabundas para os salões repimparem-se nos alcatifados coxins que os adornão ?

Será crivel que haja outros povos onde a civilisação chegue ao ponto de os cavalheiros tomarem os trajos dos famulos para melhor divertirem-se, esbofeteando-se e jogando os murros e as cabeçadas ?

Duvidamos... esse grande progresso é muito brazileiro... é ainda consequencia da brôa e do caldo d'unto.

Ahi estão os jornaes diarios e hebdomadarios levando até bem longe o que dizemos.

Quem não tem lido os ultimos folhetins da *Gazeta de Noticias*, — *Semana* — e os do *Jornal do Commercio* — *Sem malicia* — e ainda o *Dr. Callado* do *Besouro*?

Não está ahi bem patente o quanto somos civilisados ?

Diga que não quem fôr capaz.

Homens até então tidos como gente de fino trato, como cavalheiros, acabão de atirar para os lados as luvas de pellica, as botas de verniz e a casaca para arregaçarem a manga e saltarem para o olho da rua, luctando braço á braço, como qualquer vendedor de verduras da praça do mercado !...

E que magnifico espectaculo temos nós presenciado ! .,

Do *rez-chaussé* da *Gazeta* se chamou de cervejeiro o folhetinista das terça-feiras do *Jornal do Commercio*; este offerece á aquelle uma d'essas mitras de papel com que outr'ora os pedagogos costumavão corôar os fedelhos rudes e vadios; e não satisfeito com isso pulou para as azas do *Besouro* e de lá responde: « — E' bem feito que assim me trates; se eu não te tivesse facultado a occasião de beberes *á mes depense*, agora não te atreverias a tanto.

Sempre é questão de cerveja, dirá o leitor.

E' exacto; porém é preciso notar, na escola realista, a cerveja é um dos primeiros agentes das *sensações novas*.

Vê-se, portanto, que é questão de grande alcance: attesta a grandeza do nosso progresso moral e intellectual.

E d'ahi chega-se a conclusão de que os dous pugnadores são homens de acção e pensamento; isto é, têm pulso e lingua: não negão que provarão da brôa e do caldo d'unto.

Seremos ou não um povo civilisado e esticado das gambias?

Que differença existe entre um padre e uma mulher?—¡E' que a mulher representa o sexo emenino e o padre, uando saias, representa a hemogeneidade dos sexos.

Ecconomias....

Povo, curvai vossa fronte e deixai cahir a gottas do suor de vosso trabalho sobre o catafalco erguido entre as pompas de vossos senhores á memoria de Pio IX!

Os quatro contos de réis e a importancia dos tiros que o governo imperial ordenou que se despendesse com as exequias do Santo Padre, nada é em relação ás boas finanças de um paiz rico, que despede operarios e manda fechar escolas.

Com os canticos sacros dos *ungidos do Senhor* e a *fina instrucção* das santas irmãs de karidade, é que havemos de levar esta patria americana ao phateon da gloria!

Abençoada *democracia* essa que ao mesmo que procura suavisar as dôres e os soffrimentos dos famintos arrancando-lhes o pão, não esque-

e-se de franquear o erario da nação, para que se não diga que não é catholica!

Exultai bom povo, vossos senhores levarão até bem longe o vosso nome!

Morreis á fome? não tendes trabalho? Alegrai-vos, alegrai-vos porque sobre vossas cabeças vão baixar as bençãos do céo!

E para que mais operarios e officinas?

Ecconomias...

Para que serve a industria?

E' luxo.

Ecconomias...

Em vez de fabricas, devemos preferir igrejas.

Nada de asylos para a infancia desvalida.

Faça-se conventos.

Ecconomias....

Venha mais papel-moeda para exequias e massapão.

Viva a fidalguia fallida e a politica regeneradora!

Mais loterias para patrimonio da curia romana.

Ecconomias...

Mais titulos e condecorações... porém á credito... para não depauperar os agraciados...

Ecconomias...

Venda-se *logo* e *logo* a estrada de ferro de D. Pedro II e conclua-se quanto antes a *estrategia* do Rio-Grande.

Coragem e...

Ecconomias....

VARIEDADES

Redigindo um auto certo escrivão do districto de Bragança cahiu-lhe individamente um *digo* do bico da penna, e assim corrigio elle no fim :

« Declaro que onde digo *digo*, digo que não *digo*. »

Quando no homem falla o instincto, chora a razão.

A bondade é a força do homem e a fraqueza mulher.

CASTILHO.

N'um botequim d'esta côrte, questionavão calorosamente dous homens. Um d'elles, o mais letrado, sem duvida, querendo provar até onde vai o progresso, lembrou-se da phrase de Pelletan e disse :

— O mundo marcha.

— Ora eis-ahi uma asneira, exclamou o contendor; o mundo não tem pernas.

N'UM ALBUM

Tu me perguntas porque vivo triste,
porque não gozo do prazer das salas?
E' que na esphera das mundanas fallas
sómente creio que o illudir existe!

E' porque a estrella que precede á infancia
não mais refulge no sidereo throno!
Da infancia as crenças, em marasmo, em somno,
qual flôr sem seiva já não têm fragrancia.

Eu que desdenho o attrahente beijo
do altivo èther que aos salões recende,
é porque eu sinto que esse beijo vende
cynismo ás faces, n'um cruel gracejo.

Sou moço ainda, mas que importa qu'rida,
se eu da pobreza sou fiel athleta?
Eu não me curvo do ludibrio á setta,
embora veja nos salões... a vida.

A. Pinto de Abreu.

Rio de Janeiro—1877.

A caridade é a medicina d'alma.

CONFIDENCIA.

E' puro como o altar da virgem santa,
E' santo como o ardor da lei christã;
E' doce como o orvalho é doce á planta,
E' meigo como a voz de meiga irmã.

E' vasto como o bem, como elle é justo,
E brando como em harpa o ameno som;
E' nobre como um rei, como elle augusto,
E como o olhar de mãi é casto, é bom.

E' grato como um canto; qual corolla
De camelia nevada,—branco, e é
Brilhante como a luz, luz como a esmola,
São como a honra e forte como a fé.

Como da lontra os vellos, é macio,
Erguido como andôr em procissão;
E manso como a vaga em queto rio
E certo como o arfar do coração.

Soberbo como um poço em lenda moura;
Como as pampas do sul é grande flôr;
Sim, grande e, se o quizeras, maior fôra
Mas ai! o opprimes tanto: é o meu amôr.

S. Paulo—78.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

OS HOMENS-FERAS

PROLOGO

I

O RAPTO DE GABRIELLA

(Continúação.)

Pilhas de cadaveres que jazião nos lugares onde a batalha fôra mais renhida, os obrigavão muitas vezes a retroceder e demorar o passo.

Todavia, no fim de um quarto de hora, chega-

rão junto de uma choupana, onde conserva-se ainda um pouco de fogo.

A porta estava aberta.

Indubitavelmente, essa habitação havia sido abandonada com precipitação no momento da batalha.

Spark lançou alguns pedaços de páo ao fogo e os dous companheiros sentarão-se com toda a sem cerimonia. O fogo crepitou e os dous homens entregarão-se á doce embriaguez de uma d'essas aureas athmospheras assáz queridas dos pintores flamengos.

Suas frontes, vivamentes illuminadas, apresentavão a pallidez do vicio e o cunho da paixão.

— Agora conversemos, disse Spark.

O despojador dos mortos, que havia parado ao limiar, metteu a cabeça hedionda pela porta entreaberta

— São elles, murmurou ; escutemos !

— E o negocio, vale a pena ? interrogou Pello-de-Cão.

— E' uma fortuna ! respondeu Spark.

— N'esse caso reparte-a com tres, exclamou o despojador dos mortos entrando na choupana.

Spark e Pello-de-Cão volverão-se vivamente.

— Ah ! é o Morcego ! disserão. Palavra, não és de mais !

O despojador dos mortos deu um murro sobre a mesa e coçou a cabeça calva com os dedos curvos ensanguentados.

— Maldicta noite ! Napoleão está vencido e a minha industria desmontada !

Uma chamma intensa ergueu-se do fogo e alumiou o, tres homens.

O primeiro, Morcego, parecia ter passado já dos quarenta annos, posto que não contasse mais de de trinta. Ninguem poderia dar um nome aos trapos que lhe servião de roupa. Esses andrajos prendião-se ao corpo por meio de uma cinta de couro, d'onde pendia um sabre de artilheria desprovido de bainha.

Estava enlameado até o joelho e encharcado de sangue. Sua presença inspirava sombria apprehensão: dotado de testa pequena, sobrancelhas carregadas, olhar fundo e implacavel, nariz de ave de rapina, menos longo que o queixo pontudo, indicio de ferocidade, bocca grande, labios finos e rosto enrugado, que exprimião essa ironia insolita que falta ao avarento de Couture. O amor, a gloria, o prazer, e todos os sentimentos nobres, que constituem o apanagio dos espiritos cultos e elevados, como é sabido, são nada para o avarento, que despreza as paixões mundanas, desfructando-as á seu sabor.

O segundo, Spark, vestia-se com certa pretenção. Seus cabellos castanhos enroscavão-se naturalmente em torno de sua fronte bem desenvolvida; tinha ar de bom humor e rara affouteza. Seus bigodes retorcidos, davão-lhe um porte militar.

Moço ainda, pois teria uns vinte annos, via-se em suas faces emagrecidas os sulcos de uma existencia aventureira e sedentaria.

Quanto ao ultimo, Pello-de-Cão, era um mulato robusto, de rosto sereno e luzente. Seu olhar, obliquo como o da hyena, cahia limpido e suave sobre o individuo que elle olhasse, sem, comtudo, tornar-se fixo. Fallava com molleza, com um languar propriamente crioulo. Porém, do que não

seria capaz essa vibora humana levada por um momento de raiva ou pela simples energia do querer ?

Em resumo, essas tres personagens trazião na fronte os signaes de uma intelligencia mal encaminhada, e seus trajos davão a prova de todas as miserias. Sua historia será breve : Spark nascêra entre o povo de Londres, o mais miseravel do universo, encetára a vida pelo roubo e depois tornára-se *gentleman* de boa sociedade, viajando á cavallo com duas pistolas na algibeira. Depois de ter assassinado alguns recalcitrantes, ganhou o Norte, onde incendiou algumas casas. Emfim, os seus negocios complicarão-se de tal maneira, que teve de atravessar o estreito. Pello-de-Cão chegou, á França por um caminho mais longo.

Não foi senão depois de ter percorrido toda a America e envenenado as fontes de tres ou quatro cidades que alcançou a occasião de embarcar. A' frente de uns trinta homens resolutos, assolou o mar por algum tempo ; mas aprisionado pelos inglezes e encerrado em um pontão, foi bastante feliz podendo escapulir-se.

Spark e Pello-de-Cão encontrarão-se no solo francez em uma abbadia de Loos, d'onde tinhão sahido havia apenas um mez.

Durante um mez de vida vagabunda, meditárão o crime para o qual preparavão-se.

— O que tens feito desde que sahiste da prisão ? perguntou Spark a Morcego.

— Bem vês, voltei ao meu antigo officio... Ha quinze annos que sigo o grande homem ; sou a sua sombra. Elle ganha batalhas e eu passo re-

vista aos bolsos d'aquelles que mata... mas d'esef! feita passarão-me a perna!

— E' ahi que eu queria que chegasses, tornou-Spark. Eis chegada a occasião de começar nova vida.

A indolente e sardonica physionomia do aventureiro vestio-se de uma expressão seria. Ergueu a fronte intelligente e disse aos companheiros, que o olhavão admirados:

— Agora que lançamos o nosso dado, reflexieo nemos. Trilhamos máo caminho. Nos seculos pastt sados seriamos famosos paladinos; hoje, a força bruta nada vale. Viste o imperador, quiz vencer com o aço e elle quebrou-se-lhe ás mãos. A sociedade está tornando-se burgueza; logo que o querem, sejamos tambem do numero. Violámos a lei, respeitemol-a agora. Viva a lei! a lei é a nossa garantia. Entre o que é prohibido e o que não o é, ha um caminho por onde vão aquelles que entendem do riscado. A lei pune o roubo, mas não prohibe as emprezas arriscadas.

Um sorriso de approvação dilatou os labios delgados de Morcego, que murmurou:

— Já pensei nisso.

— E eu, disse confidencialmente Pello-de-Cão; já vendi negros e é uma boa empreza!

— Ah! tu chamas a isso empreza, uma transacção de homem pelo homem! exclamou Spark rindo-se. Deixa-te d'isso, faz-se tambem commercio tanto com o branco como com o negro... não é exacto, Morcego?... Agora trata-se de organisar...

— Mas onde está o capital social? perguntou Morcego.

— Ouça-me, disse Spark animado, e curvem-se ante mim.

Spark foi interrompido pelo estampido de uma descarga de fuzilaria que troou a pouca distancia da casa. O canhão fez ouvir a sua voz grave e terrivel; gritos sinistros se ouvirão em differentes pontos do campo de batalha.

— O endemoninhado está roncando, disse Spark; é bem capaz de fazer voar pelos ares o gallinheiro.

Os tres aventureiros levantarão-se tomados de medo e correrão para a porta.

— Arreda! gritou Pello-de-Cão, que nos vamos despedaçar.

E tornarão para dentro precipitadamente.

No momento em que atemorisados descião a soleira da porta, dous esquadrões batidos em retirada passarão a todo galope rente ás paredes da choupana. Contavão, sem duvida, encontrar abrigo por traz d'esse fragil obstaculo; mas antes de poderem pôr a choupana entre elles e o fogo inimigo; algumas balas e uma descarga de fuzilaria fizerão estrago nas suas fileiras. Sete ou oito homens forão postos por terra. Estavão talvez mortos, porque nenhum gemido succedeu ao primeiro grito.

O campo de batalha reentrou em seu silencio lugubre e a chuva açoutava os vidros da choupana.

O som da voz de Spark cobrira um curto dialogo que fôra encetado á porta da cazinha por dous feridos. Nenhum dos tres aventureiros prestera-lhe attenção.

— Meu pobre Jeronymo Brus, disse uma voz

juvenil,—uma bala levou-me o braço esquerdo ; estou soffrendo horrivelmente !

— Permitta Deus que ainda possais viver, Sr. Visconde, respondeu Jeronymo Brus ; quanto a mim parece que chegou a minha ultima hora.

— Não falles assim, meu amigo.

— Não ouvis fallar n'essa casa ? oh ! se eu podesse pedir que vos soccorressem !...

A voz do ferido extinguio-se na garganta.

— Nem uma palavra meu pobre Jeronymo !... Estou vendo um d'esses homens ; seu olhar é frio como o marmore... que horrivel cara ! nunca aquellas mãos ensanguentadas soccorrerão um moribundo... mas que dizem elles, Santo Deus !

Emudeceu e cahio em uma profunda atonia. O sangue que em borbotões cahia-lhe do braço mutilado o desfallecia. E, depois, a sua idade avançada, não era de supportar as fadigas do combate.

Era um d'esses moços enthusiastas que, como se vio no tempo do Imperio, e mesmo na nobreza, abandonavão a escola e ião para o campo de batalha. As palavras de Spark lhe causarão a hallucinação de um pesadello. Por momentos recobrára o sentimento da existencia, e um suor gelido lhe innundára a fronte.

Jeronymo Brus, o outro ferido era um homem de quarenta annos e inferior em posição a seu companheiro. Comquanto robusto, a gravidade da ferida o fizera baquear.

Não via, ouvia apenas a voz do joven ferido por entre as palavras precipitadas de Spark.

— Meu bom Jeronymo, vamos levantar-nos e agarrar esses tratantes !... meditão um crime

junto de nós... meu Deus! e não o poder impedir!...

Este lampejo de lucidez evaporou-se, ciando em seguida algumas palavras a esmo.

— Pobre Alberto! exclamou Jeronymo.

Tentou levantar-se tocado por um impulso quasi paternal; a dôr, porém, fel-o cahir e perdeu os sentidos murmurando:

— Minha mulher!... minha filha!... perdidas para sempre!...

Durante esse tempo, Spark desenvolvia eloquentemente o seu plano.

— São nobres da velha rocha, dizia elle; os Renty emigrarão; seus bens não forão vendidos. Que bello dia para elles! D'esde o primeiro tiro de peça que o pai e o filho estão no campo de batalha, promptos para soccorrer aos do seu partido. Oh! são valentes fidalgos! sahirão já noite fechada, com o fim de recolher os nobres feridos que encontrassem envoltos na lama. Ainda estão, sem duvida, no campo e a Sra. Renty está só. Os criados guardão a grade do jardim para protegel-a contra as hordas estrangeiras. Tres quartos de hora bastão para chegarmos ao castello. Esta noite ou nunca. Amanhã seremos homens de bem. Pariz, patria das intelligencias, nos abré suas portas; as perseguições que soffremos no reinado do usurpador serão em proveito nosso!

— Marchemos! exclamarão Morcego e Pello-de-Cão.

O fogo lançou um ultimo lampejo e apagou-se, e os tres aventureiros deixarão a choupana, tropeçando nos feridos.

Spark apesar da escuridão caminhava em linha

recta. A' medida que andavão, os vestigios do campo de batalha desapparecião e nada turbava o silencio d'essa noite medonha e horrida.

No fim de tres quartos de hora attingirão aos muros de um parque cercado de fossos.

Spark, seguido de seus companheiros deixou-e escorregar até o fosso, galgou a outra margem encontrou uma pequena porta secreta da qual z saltar a fechadura com o auxilio de um ferro. Entrarão então em uma alameda guarnecida de ¡lias e de arvores seculares.

A alameda pela qual caminhavão os tres aventureiros era cortada por verdejantes prados e continuava alternadamente até ao ultimo taboleiro de relva que se estendia junto a fachada interior do castello.

A entrada exterior dava para um grande patéo que acabava em uma aléa de castanheiros e era fechado por uma grade.

Este vasto edificio estava envolto nas trevas : uma unica janella, situada no angulo septentrional ao rez do chão, coava os frouxos raios de uma lampada.

— Quem dará o golpe ? perguntou Morcego.

— Pello-de-Cão, que é o mais robusto, respondeu Spark.

— Seja, disse o mulato. Dá-me a tua arma.

— Scio ! fez o despojador dos mortos.

O latido estridente do cão de fila reboou de subito a vinte passos de distancia. O animal latia furibundamente volteando em roda dos malfeitores ; mas sua prudencia instinctiva, impedia-o de começar a lucta.

O rumor tornou-se om breve horrivel ; os cães de caça despertavão e ladravão em côro.

— E' preciso acabar com isto, senão vai tudo por agua abaixo, disse o mulato.

E armado do sabre de artilheiro do Morcego, deu alguns passos.

O cão de fila vendo só um inimigo para combater não hesitou, arremessou-se sobre elle para estrangulal-o.

O homem e o cão rolarão sobre a relva e não se ouvio senão roucos grunhidos e o terrivel bater dos dentes.

A lucta não foi longa : o cão estorceu-se sob a pressão dos dedos nervosos do mulato ; mas antes de exhalar o derradeiro suspiro, fez um esforço supremo e o homem soltou um grito.

Pello-de-Cão ergueu-se praguejando :

— Com mil demonios ! exclamou ; o maldicto perro tirou-me dous dedos da mão esquerda !

— Isso te obrigará a andares sempre de luvas, replicou Spark com frialdade.

— Nada de zombarias ; olha que sou bem capaz de esganar-te ! disse o mulato enraivecido.

— Nada de arrufos, interrompeu Morcego ; isso nada vale.

— Ainda que valesse ! replicou Pello-de-Cão. Pelos chifres de Satanaz, hei de matar alguem

— Mãos á obra, disse Spark.

Caminharão nas pontas dos pés até abaixo da janella em cujo interior brilhava uma luz.

Spark subio ás costas de Morcego e espiou atravez os vidros da janella.

Uma senhora de quarenta annos, bella ainda,

achava-se sentada á uma janella, d'aqual sem duvida descortinava-se o campo de Warteloo.

Apezar da escuridão, a Sra. de Renty afastava as cortinas e seus olhos procuravão devassar as trevas. Toda a impaciencia da espera divisava-se em seu rosto.

Uma loura menina de cinco annos brincava á seus pés e uma criada grave dormia sobre a poltrona.

Esse gabinete, onde imperava o silencio, era aclarado pelos serenos raios de duas lampadas que ardião sobre a chaminé.

Morcego esgueirou-se pela parede, apanhou uma pedra e escondeu-se em uma mouta de hera.

O ruido de um vidro despedaçado chegou aos ouvidos da Sra, Reuty.

— Valentina, corre.... disse ella. Ouço barulho; os cães já ladrarão.... talvez meu marido e meu filho entrassem pelo parque. Oh! se Deus os tiver poupado, nada mais pedirei n'este mundo!

A criada levantou-se lentamente indo accender uma véla e sahiu.

(Continúa.)